

Audrey Carlan

# A Rapariga do Calendário

Outubro, Novembro e Dezembro

Volume 4

Tradução

Mário Dias Correia

 Planeta

## Índice

Outubro . . . . .	9
Novembro . . . . .	127
Dezembro . . . . .	251



# Outubro

Drue Hoffman

*Foi uma longa caminhada, e quando a iniciei oferecete ajuda e orientação na altura em que mais precisava.*

*Obrigada por me teres dado o teu conhecimento, o teu apoio e a tua amizade. Espero que gostes desta parte e do idiossincrático Drew Hoffman.*



## Capítulo 1

Silêncio. Foi o que me acolheu quando entrei na casa do Wes em Malibu. *A minha casa*. Não sabia o que esperava. Talvez me tenha passado pela cabeça a ideia de que o universo ia abrir-se de repente e entregar-me o céu na Terra sob a forma do meu homem são e salvo em solo americano, no conforto da nossa casa. Porque, em última análise, aquele lugar era isso mesmo. *A nossa casa*. O Wes fora muito claro quando me pedira que mudasse a minha maneira de pensar a respeito daquilo a que a Gin chamava a mansão de Malibu. A alternativa, dissera, seria encontrarmos juntos outra casa. E isso eu não queria. O que queria era submergir-me em tudo o que era dele. Inteiro. Único. Discreto. Glorioso.

O Wes trabalhara no duro para ter tudo o que conseguira amealhar tão novo. Não era presumido nem ganancioso. As linhas puras e a decoração descontraída convidavam a «ser vividas» e espelhavam esta mentalidade. Enquanto percorria as divisões escuras e vazias voltava a conectar-me com todas estas coisas, mas a casa tinha mudado. Havia qualquer coisa diferente. Olhei em redor com um olho crítico e estudei as subtis alterações que tinham sido feitas desde a última vez que a ali estivera, dois meses antes.

Na consola da lareira de pedra havia uma pequena estatueta de uma bailarina, a comprida perna esticada para cima. As mãos seguravam a perna e o tornozelo acima da cabeça enquanto a figura se equilibrava na ponta do outro pé. Aquela estatueta era da minha mãe. Tinha-a visto muitas vezes pôr-se em pontas, dobrar-se para trás e mostrar-me como

uma bailarina executava aquele movimento. A minha mãe tinha sido corista em Vegas, mas antes disso fizera *ballet*, clássico e contemporâneo. Adorava vê-la mexer-se. Enquanto limpava a casa, rodopiava de um lado para o outro ao som de uma música que só ela ouvia. Os cabelos negros caíam-lhe até à cintura e ondulavam-lhe à volta do corpo como uma capa preta. Com cinco anos, achava que ela era a mulher mais bonita do mundo, e amava-a como a mais ninguém. Um amor imerecido, que aquela estatueta me lembrava. Agora, a bailarina ocupava o lugar de honra na consola, e por muito que me apetecesse deitá-la ao chão e parti-la em mil pedaços, deixei-a ficar onde estava. Se não a quisesse, tê-la-ia dado. Por vezes as recordações doem, mesmo as mais bonitas.

Voltei-me e examinei a sala de estar. Em cima de uma das mesas de apoio estava uma fotografia emoldurada que reconheci. Maddy. Tirada um dia antes de ela entrar para a universidade. Eu tinha-a seguido pelo *campus* como um cachorro perdido. Mads, em contrapartida, avançava confiante, de mão dada comigo, a balouçar os nossos braços. Tínhamos ido de sala em sala, e ela mostrava-mas e explicava-me de que cadeiras eram e o que ia lá aprender. A sua alegria era exuberante e eu deliciava-me nela, sabendo naquele momento que a minha menina, a minha irmãzinha, ia fazer qualquer coisa espectacular da sua vida. O céu era o limite e nada ia impedi-la de lá chegar.

Continuei a minha viagem até à cozinha. Encontrei uma colagem de imagens presas por ímanes à porta do frigorífico. Fotografias soltas que arrancara da porta do frigorífico do meu minúsculo apartamento estavam ali reunidas. Maddy, Ginelle, Pops. Havia também duas ou três novas. Fotos que não fora eu a imprimir. Eu e o Wes. Uma de um jantar e uma *selfie* que tínhamos tirado juntos na cama e que mostrava só as nossas caras. Devia ter sido ele a acrescentá-las. Fora o princípio de tudo. Passei os dedos pelo sorriso malandro de Wes. Tão confiante e *sexy*, a apertar-me contra si na cama. Doeu-me o peito e esfreguei o lugar onde doía. Em breve. Ele estaria em casa em breve. Tinha de ter fé. *Confia na jornada*. Agora mais do que nunca, precisava de acreditar nas palavras que mandara tatuar no pé.

Ao entrar no que se tornara o nosso quarto, imobilizei-me de repente, de queixo caído e olhos redondos como pratos.

– Santa Mãe de Deus!

Fiquei a olhar, estupefacta, para a imagem que olhava para mim. A minha imagem.

Era a última fotografia que o Alec me tirara em Fevereiro, na varanda de observação da Space Needle, a contemplar a vista de Seattle. Os meus cabelos drapejavam atrás de mim num leque de caracóis de ébano. Naquele dia, tinha-me sentido liberta. Livre do fardo que o meu pai me pusera involuntariamente em cima dos ombros e da exigência de ser o que o cliente quisesse que fosse – tudo isso tinha desaparecido naquele segundo de paz. Naquele momento, era apenas Mia, uma rapariga a ver pela primeira vez a verdadeira beleza na paisagem à sua frente.

Não podia acreditar. O Weston tinha comprado a peça mais cara que o Alec criara comigo. Quer dizer, nas nossas conversas ao longo do ano, tinha acabado por contar-lhe a respeito do Alec. Bem, não com todos os pormenores, só o essencial. Fizera questão de falar-lhe dos quadros, de como cada peça me fizera mudar, me permitira ver a vida, o amor e a mim mesma com mais clareza. Estávamos na cama, nus, embrulhados um no outro, quando lhe dissera quanto devia ao Alec por aquela lição. Como me sentira mal ao aceitar o dinheiro dele por causa do que me tinha feito, apesar de saber que não tinha alternativa.

Peguei no telemóvel, percorri a lista de contactos e premi a tecla de chamada.

– *Ma chérie*, a que devo o enorme prazer de ouvir a tua voz? – respondeu o Alec naquele tom suave e *sexy* que me fez lembrar tempos bem melhores e felizes passados debaixo do meu pecaminoso francês.

Sentei-me na cama, de pernas cruzadas, a olhar para o quadro.

– Eu, hã, não posso crer...

Em vez de continuar, voltei o telefone, tirei uma fotografia à obra, enviei-lha e tornei a levar o telefone ao ouvido.

– Mia, *dis-moi*, estás bem? – perguntou, e parecia assustado.

A voz tremeu-me enquanto assimilava todas as facetas da beleza pen-durada à minha frente por cima da cama do Wes. Da minha cama e do Wes.

– Vê as mensagens.

– Não gosto deste género de comunicação, *chérie*.



– Faz o que te peço – resmunguei, na esperança de ser convincente. Ouvi alguns cliques.

– Ah, *mais oui*, estás a ver-te a ti mesma, *non*?

Há alturas em que só nos dá vontade de poder enfiar as mãos pelo telefone e estrangular a pessoa que está do outro lado. Aquela foi uma dessas.

– Estás a deixar escapar o principal, Alec. Por que estou a olhar para *mim mesma* no quarto do meu namorado?

Ele arquejou.

– *Ma jolie*, tens um *copain*? Um namorado? – A palavra pareceu rolar no seu sotaque francês de uma maneira que quase me fez esquecer que estava danada por ele não perceber. – Fizeste um compromisso para a vida. *Félicitations!*

Deu-me os parabéns, o que não me deu foi uma explicação para o que estava o quadro ali a fazer.

– Alec, querido – gemi –, presta atenção.

– Oh, *chérie* – murmurou ele –, tens sempre a minha atenção. Sobre-tudo quando te despes para mim. Lembro-me de como foi ter-te nos meus braços naquele mês. Tu lembras-te, *oui*?

– Alec, não é a melhor altura para recordar velhos tempos. Preciso de respostas. De ti. Como veio este quadro parar ao meu quarto?

Ele riu e suspirou.

– Sempre desejosa de informação. Talvez fosse para ser uma surpresa, *compte tenu de ton amant*.

O meu francês estava ainda mais enferrujado, uma vez que não estudara nem falara muito com o Alec pelo telefone nos últimos meses, mas percebi que tinha dado a entender que era uma surpresa do meu amante.

– O Wes comprou-o?

– Não exactamente.

Endireitei as costas e apertei os dentes com tanta força que teria sido capaz de partir pedras com eles.

– Não estou com paciência para charadas – rosnei. – Cospe tudo cá para fora.

Ele fez um som de desagrado.

– Cuspir é um hábito muito feio, que não tenho.

Rolei os olhos nas órbitas e deixei-me cair para trás em cima da cama.

– Alec... – avisei.

– O teu amante não pagou o quadro – disse ele com toda a clareza.

– Então como o consegui?

Arrancar informação ao meu francês quando era óbvio que ele não queria dá-la era mais difícil do que conseguir que um homem aguentasse um orgasmo quando as coisas passavam um certo ponto. Era impossível.

Por fim, ele suspirou.

– *Ma jolie*, vou ser franco contigo, *oui*?

Como se eu precisasse de responder. Ele sabia o que eu queria. Mas fi-lo, de todos os modos:

– *Oui. Merci.*

– O teu amante telefonou ao meu agente. Queria comprar o *Adeus, Amor*. Eu tinha estado a recusar vendê-lo.

Aquela surpreendeu-me. Um artista que criava arte especificamente para ser vendida e partilhada com o mundo recusava vender?

– Porquê? Isso não faz sentido.

Ele voltou a resmungar qualquer coisa que não percebi.

– Foi por isso – respondeu. – Amo-te e queria ter a certeza de que a tua beleza era apreciada pelas pessoas certas. Tinha regras a respeito de todos os quadros. Havia dois de que não tencionava desfazer-me.

– Quais dois?

A voz dele transformou-se num rosnido *sexy* que eu conhecia até bem de mais.

– Gosto de nos ver no nosso momento de amor. Pendurei o *Nosso Amor* no escritório da minha *villa* em França. *Je ne pouvais pas m'en séparer* – disse, e eu esforcei as meninges a tentar transformar as palavras em qualquer coisa que conseguisse perceber. Pareceu-me que acabava de dizer que não suportava separar-se dele. Ri:

– Alec, isso é patético. O objectivo da exposição era partilhar a tua arte.

– A-ah, mas quero-a vista todos os dias pelos olhos certos. Vendi os outros, todos a pessoas que escolhi e com que falei.

Abanei a cabeça e passei a língua pelos lábios secos. As emoções turbilhonavam dentro de mim enquanto olhava para o quadro, falava com o Alec e tinha saudades do Wes. Sentia-me como se tivesse passado

por um tornado. Estava a tentar apanhar e voltar a juntar os cacos das minhas emoções e dos meus sentimentos apesar de eles não encaixarem uns nos outros.

– E este quadro. Como veio aqui parar?

– Falei com o teu Weston. Ele explicou-me quem era, disse que conhecia os termos da nossa relação. Eu estava à espera de *grabuge*.

– Estavas à espera de quê?

– *Merde!* Como se diz... *pandaria?*

Ah, isso. Bufeí.

– Pancadaria? – perguntei, com uma gargalhada.

– *Oui*. Pancadaria. Mas ele foi um perfeito cavalheiro. Disse que tinha visto as fotos da exposição na net e queria comprar os quadros.

– Comprá-los? Como... todos?

– *Oui* – respondeu o Alec, como se não fosse nada de invulgar. Eu achei mesmo muito invulgar o meu descontraído surfista querer gastar vários milhões de dólares em quadros... de mim. Ia ouvir umas quantas verdades a respeito da maneira como esbanjava o dinheiro que tanto lhe custava a ganhar, quando voltasse. *Deus, espero que volte*.

Saltei da cama e percorri a casa, a espreitar para todas as divisões. Não vi mais nenhuma imagem minha pendurada nas paredes.

– E...?

– Disse-lhe que não. Só podia ficar com um, e, se escolhesse o certo, eu vendia-lho.

Jesus. O Alec era mesmo um tipo esquisito. Complexo, peculiar, amoroso, expansivo, exigente, devastadoramente bom na cama e bizarro de uma ponta à outra. Por outro lado, não era verdade que todos os artistas eram mais ou menos assim? Não se podia pegar na natureza deles e aplicar-lhes um rótulo, porque nem todas as pessoas reagem da mesma maneira.

– E...?

– Ele escolheu bem. Escolheu-te a ti.

A maneira como disse aquilo pôs-me arrepios a correrem-me pelos braços. Esfreguei-os e abracei-me a mim mesma, uma vez que não estava ali mais ninguém que o fizesse por mim.

– São todos de mim, Alec.

– *Non*. Os outros são de momentos da tua vida, experiências, e também de coisas que tu encenaste, por amor à arte. Aquela imagem é o resultado directo de quem tu és hoje. E ele queria-a. Por isso deixei-o ter-te.

A palavra «ter-te» soou estranha na boca dele.

– Que queres dizer com isso?

– Considera-o uma oferta para os dois. Ao vosso amor.

– Deste ao meu namorado uma imagem que vale um quarto de milhão de dólares?

– Para ser mais exacto, vale meio milhão.

– Porra!

– *Mia. Je t'aime*. Ia dar-te metade do que recebesse por ela, de todos os modos. Desta maneira, ficas com um belo testemunho daquilo que és todos os dias. Adoro ele tê-la pendurado por cima da cama que vocês partilham. Não podia ter escolhido um lugar melhor para essa imagem.

Funguei, com as lágrimas a fazerem-me arder os olhos.

– Eu também te amo, sabes? À nossa maneira – respondi, e as palavras saíram-me todas do coração.

Ele riu.

– *Oui*. Eu sei, *ma jolie*. – E, como o nome do quadro, terminou a conversa com duas palavras: – Adeus, amor.

Esperei que não fosse a última vez que falava com o meu francês. Apesar de ele ter, de certo modo, acabado de dar a sua bênção a mim e ao Wes, continuava a querer tê-lo na minha vida. Sempre fizera parte desta jornada, e havia de amá-lo até morrer. Só que amava mais o Wes. Estava apaixonada por ele e precisava que voltasse para casa.



A noite estava mais fresca do que da última vez que ali estivera, mas eu tinha tido frio durante semanas. Olhei para as estrelas e perguntei-me se o Wes conseguiria vê-las lá onde estava. Apesar de ter prometido a mim mesma deixá-lo iniciar o contacto, peguei no telemóvel e liguei. A chamada foi para o *voice-mail*. Grandes ondas de tensão percorreram-me o corpo enquanto regularizava a respiração, a tentar não entrar em

pânico porque ele não respondia. Talvez estivesse a dormir. O homem estava a recuperar de um ferimento de bala no pescoço, pelo amor de Deus. *Relaxa, Mia. Falaste com ele ontem.*

– Ei, hum, sou eu. Só queria ouvir a tua voz esta noite. Estou em casa. Em, hã, Malibu. – Voltei os olhos para o oceano escuro, à distância. Quando falei, a voz tremeu-me. – A casa está silenciosa. Não sei onde está a Judi. – As vagas desfaziam-se na areia e o vento levantou-me os cabelos, gelando-me ainda mais. – Adorei teres arrumado as minhas coisas. Ou talvez tenha sido a Judi, mas espero que tenhas sido tu a querer juntar as nossas vidas. – Puxei os fios da bainha dos *jeans*. – Meu Deus, Wes, tenho tantas saudades tuas. Não quero dormir sozinha na nossa cama. – Por mais que quisesse evitá-lo, as lágrimas subiram-me aos olhos, e umas quantas traidoras correram-me pela cara. Não sabia o que mais dizer para lhe explicar quanto precisava dele. Quanto o queria. Que não acreditava que pudesse ter uma vida bonita se ele não fizesse parte dela. – Lembra-te de mim – murmurei, e desliguei. Para nós, aquelas palavras significavam tanto, senão mais, como quaisquer declarações que pudéssemos fazer um ao outro. Se não podia ter o artigo autêntico, também não ia dormir na cama que era dos dois.



Sem peso. Era como me sentia. Uma tontura invadiu-me quando dois braços fortes me enlaçaram. Cheguei-me para mais perto do calor, a esfregar o nariz nele, a inalar o familiar cheiro a homem. As poucas noites em que conseguia dormir profundamente eram sempre cheias dele. Em vez de lutar contra aquilo, naquela noite ia deixar-me sucumbir. Deixar que a alegria de o ter ali comigo, a cuidar de mim, se me infiltrasse nos ossos, se enrolasse à volta do meu coração, a protegê-lo. Imaginei o Wes a deitar-me na cama. Na nossa cama. A almofada cheirava a ele, a mar, a areia e àquela pequena riqueza extra que era puro Wes. Que continuava lá. Esfreguei a cara no macio algodão.

– Tenho tantas saudades tuas...

A voz tremeu-me enquanto uma lágrima se escapou de um dos meus olhos.

Um toque leve como uma pena perpassou-me pela cara. «Estou aqui. Contigo», sussurrou-me ele ao ouvido. Os sonhos são magníficos na sua capacidade de serem ao mesmo tempo cruéis e esplêndidos. De me darem tudo o que eu queria só para se dissiparem com a luz da aurora.

Abri os olhos e, na minha exaustão, vi uma forma. A forma dele.

– Não vás embora. Fica.

Pestanejei muito depressa, a tentar manter os olhos abertos. A janela deixava entrar o ar frio do mar. Puxei a pesada manta, tapando-me até ao pescoço. E então fiquei envolta em calor e nada mais. Um braço rodeou-me a cintura e exultei no meu sonho. De senti-lo perto de mim, a abraçar-me. De sentir o seu hálito afagar-me o pescoço.

A grande forma dele enrolou-se à volta do meu corpo, por trás, e apertei-me contra o imaginário Wes, sem me importar por ele não estar de verdade ali. Ia fingir que estava e, ao menos uma noite, ia dormir. Parecia tão real a maneira como me apertava contra si, esfregava o nariz na minha nuca, no meu pescoço, no meu ombro. Agarrei com as duas mãos o braço que me cingia a cintura e puxei-o para cima, pousei-o entre os seios, beijei os nós dos dedos, inspirei a essência dele até ao fundo da alma. Tanto que quando acordasse, na manhã seguinte, ia ter a impressão dele ali. O fundo suspiro que se lhe escapou do peito agitou-me os cabelos à volta da orelha. As lágrimas caíram enquanto fechava os olhos com força, a não querer que aquela miragem desaparecesse. Por fim, o calor nas minhas costas, a sensação de paz que me rodeava, cobriu o meu desgosto e a minha angústia pelo resto da noite.

Nas profundezas do sonho, ele falou: «Dorme, meu amor. Vou estar aqui. Nunca mais te vou deixar.»

– Isso é bom – murmurei ao meu Wes imaginário, e abracei-me a ele com mais força enquanto a fada do sono reclamava mais uma vítima. Os braços do Wes fecharam-se à minha volta, trazendo à superfície um lampejo de reconhecimento. Todas as partes do corpo do Wes de Sonho tocavam em mim de uma maneira ou de outra. Tal qual como ele faria se estivesse ali. Suspirei e deixei-me mergulhar.

O som da voz dele pareceu vir de muito longe, distorcida, quando falou:

– Lembrei-me de ti, Mia. Todos os dias em que estive longe, tu estiveste lá comigo. Vivi da recordação de ti.